

Texto, memória e subjetividade: uma leitura de “aperfeiçoando o imperfeito” de Carla Luma

Isabelle Maria Soares (UFPR)*

<https://orcid.org/0000-0003-0003-0798>

Resumo:

“Aperfeiçoando o imperfeito” de Carla Luma, conto escolhido como objeto de estudo do presente artigo, é um texto literário situado no espaço virtual. Publicado no blog *Escritoras Suicidas*, o conto instigou a seguinte proposta: uma leitura pela ótica de alguns conceitos acerca do texto (BARTHES, 2004; KRISTEVA, 2012; CARVALHAL, 1992; SAMOYVAULT, 2008), da memória (NORA, 1993; BERGSON, 1999; HALBWACHS, 2015; POLLAK, 1989, 1992) e da subjetividade (GIDDENS, 1991; HALL, 2015; SANTOS, 2002; CASTORIA-DIS, 1999). A abordagem do aporte teórico é colocada em prática a partir da nossa análise do conto de Luma. Percebemos, assim, que o texto literário estudado dialoga com outros textos por meio de uma pluralidade de memórias e da subjetividade fragmentada da voz que narra.

Palavras-chave: Texto. Memória. Subjetividade. Carla Luma.

Abstract:

Text, memory and subjectivity: a reading of “aperfeiçoando o imperfeito” by Carla Luma

“Aperfeiçoando o imperfeito” by Carla Luma, the short story which was selected as the object of study of this paper, is a literary text placed in virtual space. Published in the blog “Escritoras Suicidas”, the short story instigated the following purpose: a reading by the view of some concepts on text (BARTHES, 2004; KRISTEVA, 2012; CARVALHAL, 1992; SAMOYVAULT, 2008), memory (NORA, 1993; BERGSON, 1999; HALBWACHS, 2015; POLLAK, 1989, 1992) and subjectivity (GIDDENS, 1991; HALL, 2015; SANTOS, 2002; CASTORIADIS, 1999). The approach of the theoretical contribution is comprehended from our analysis of the Luma short story. Thus, we realize that the literary text in study dialogues with other texts through a plurality of memories and the fragmented subjectivity of the narrating voice.

Keywords: Text. Memory. Subjectivity. Carla Luma.

* Mestre em Letras - Interfaces entre Língua e Literatura pela Universidade Estadual do Centro-oeste (UNI-CENTRO-PR). Atualmente é doutoranda em Letras - Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6604231475566070>. E-mail: isamariares@gmail.com

Considerações iniciais

Na era digital, o fazer literário vai além da tinta e do papel, ou ainda, muito além do texto impresso. Como afirma Nincia Borges Teixeira, “o ato de narrar não está restrito ao livro, mas diz respeito à necessidade de sonhar” (2014, p. 6). Nesse sentido, pensar o contemporâneo significa pensar e investigar todas as formas de expressão, inclusive, as formas disponíveis no meio digital. Nesse sentido, a Literatura não se depara com o seu fim, ela se transforma. Se, como assevera Leyla Perrone-Moisés (2016), o século XXI é para a Literatura marcado por mutações, ler e escrever passam a ganhar novas configurações.

Tendo isso em vista, este artigo, como o próprio título antecipa, objetiva fazer uma leitura acerca do trabalho da memória e da subjetividade no texto “Aperfeiçoando o imperfeito”, de Carla Luma¹. Podemos definir o conto selecionado como objeto de estudo como uma escrita literária no contexto contemporâneo, visto que é publicado no espaço digital. Um conto muito curto, mas carregado de vozes e pluralidades, “Aperfeiçoando o imperfeito” é veiculado ao *blog* literário *Escritoras Suicidas*². Haja vista que se trata de um miniconto que foi publicado em espaço virtual, tomamos liberdade de

1 Carla Luma se apresenta como natural de Jacarezinho/PR, nascida em 1969. Ainda, diz que “é manicure e vendedora de cosméticos. Autora do livro de memória precoce *As mãos me falam, os falos me calam*, totalmente escrito em alfabeto ideográfico, pretende candidatar-se a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras para aproximar-se dos seus ídolos: Ariano Suassuna e João Ubaldo Ribeiro” (Texto retirado de: http://www.escritorassuicidas.com.br/carla_luma.htm#.WQd3fkcWzIU, Acesso em: 02 mar. 2018). Entretanto, tudo indica que Carla Luma é um pseudônimo que preserva a real identidade da autoria.

2 <http://www.escritorassuicidas.com.br/> Acesso em: 05 mai. 2021

inseri-lo neste artigo, contribuindo, assim, para a ampliação da nossa leitura que virá em sequência:

Aperfeiçoando o imperfeito³

Fui ao Vaticano e não vi o papa anjos nem a Capela Sistina. Na África do Sul preferia ver o Nelsinho, mas tive que me contentar com Kaká, Robinho e outros anjinhos cheios de poses e de pouca inspiração. Aturei com o meu característico zen-cinismo as desculpas de Dunga e de Jorginho, assim como extensíssimas horas de jabulani voando sem rumo e de vuvuzelas soando como trombetas do juízo final. Quase volto surda. Faz mal não. Não sou aquela que se desmancha em lágrimas e tristeza pela pátria de chuteiras. Saí no lucro: faturei uma boa grana do industrial paulistano que me levou para interpretar o papel de esposa, comi bem, bebi melhor, só não trepei bem porque o cara é de muitas tentativas e de raros êxitos. Fiquei quase tão invicta quanto a defesa da seleção suíça, que estabeleceu na copa o inútil recorde de ficar mil e não sei quantos minutos sem tomar gol. Conheci lugares lindos e outros bem miseráveis, mas confesso que em alguns momentos, principalmente quando os cabeças de bagre do meio campo da amarelinha erravam passes laterais, eu sentia saudades da minha infância e me recordava vividamente de Afonsinho, aquele que recebeu uma canção de Gilberto Gil, “meio-de-campo”.

Pra falar a verdade, eu não havia nascido no tempo que ele jogou, mas papai, torcedor do Botafogo, narrava apaixonadamente as atuações de Afonsinho e conhecíamos todos os episódios da sua carreira, desde quando foi revelado em 1962 pelo XV de Jaú, a sua

3 Disponível em: http://www.escritorassuicidas.com.br/edicao41_1.htm#.WpgHludG1PZ Acesso em: 05 mai. 2021

estréia no fogão em 1965, sagrando-se bicampeão carioca, bicampeão da Taça Guanabara, campeão da Taça Brasil e do Torneio Rio-SP. No início dos anos 70, auge da ditadura militar, Afonsinho foi “afastado” do time e impedido até de treinar porque usava barbas à Che Guevara, porque era politizado, porque era culto, porque estudava medicina, porque não aceitava ser tratado como mercadoria. Rebelando-se contra a “Lei do Passe” que fazia do jogador de futebol escravo dos empresários e clubes, que tinham o poder absurdo de impedir o livre exercício profissional, Afonsinho travou uma batalha jurídica e política, obtendo a propriedade de seu próprio passe, ou seja, o passe livre. Obviamente que o cartel formado pelos interesses contrariados barrou-lhe a entrada nos grandes clubes. Tudo isso papai nos contava com orgulho, como se se tratasse de um filho e quando papai morreu tocou-me como parte da herança um poster com a foto de Afonsinho e um compacto de vinil com Elis Regina cantando a música de Gil.

(Carla Luma)

Como mencionado, a paranaense Carla Luma publica seus textos literários em um *blog*, um espaço virtual que manifesta “um deslocamento e reconfiguração dos modos de escrita” (BORGES-TEIXEIRA, 2018, p. 66). Além disso, o *blog* é um espaço para experimentações, haja vista que “convida o usuário à criação de páginas e de textos variados, à interação com outros” (BORGES-TEIXEIRAS, 2018, p. 69).

Objetivamos fazer uma leitura de “Aperfeiçoando o imperfeito” pela ótica dos estudos sobre texto, memória e subjetividade, uma vez que é um texto literário que “circula socialmente, convocando sujeitos à interpretação e, apesar de pertencer à ordem da

criação, para ser compreendido, tem sempre um fundo de realidade, pois se consubstancia no/pelo mundo” (BORGES-TEIXEIRA, 2018, p. 64). Por meio de intertextualidades, a voz que narra “Aperfeiçoando o imperfeito” evoca memórias que se inserem na sua construção enquanto sujeito da pós-modernidade.

Aperfeiçoando as imperfeições do texto

Nossa análise se debruça sobre um texto da escritora virtual Carla Luma. Isso significa que não nos interessa, aqui, esmiuçar a sua obra, disponível em grande parte na webpage *Escritoras suicidas*. O seu miniconto “Aperfeiçoando o imperfeito”, especificamente, possibilitou um olhar acerca dos desdobramentos intertextuais de um texto.

Roland Barthes (2004), ao contrastar obra e texto, especifica que o que se conhecia tradicionalmente por obra, sofreu sérias transformações, assinalando que isso deveu-se principalmente ao caráter interdisciplinar que tem caracterizado o desenvolvimento da academia e da pesquisa. Desse modo, Barthes explica que a obra é palpável: ela é o objeto que é segurado nas mãos, enquanto que o texto se mantém de forma abstrata por meio da linguagem. Nesse sentido, o texto é plural, abrangente e paradoxal, feito de “citações sem aspas” (BARTHES, 2004, p. 71). Em outras palavras, o texto é pura intertextualidade, ou seja, ele conversa com textos distintos, os quais diferem entre si em sua forma, tempo e espaço.

A primeira a discutir profundamente acerca do termo “intertextualidade” foi Julia Kristeva (2012), que revendo as propostas sobre a evolução literária de Iuri Tynianov e o dialogismo de Mikhail Bakhtin, afirmou que “todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e trans-

formação de textos” (2012, p. 142). Diante disso, o que antes era visto como uma “relação de dependência”, ou seja, uma dívida que um texto possuía com seu antecessor, “passa a ser compreendido como um procedimento natural e contínuo de reescrita dos textos” (CARVALHAL, 1992, p. 51). A compreensão de um texto literário passa a conduzir, como complementa Carvalhal, a análise de procedimentos que caracterizam as relações com outros textos. Entretanto, não basta simplesmente identificar tais relações, mas analisá-las “em profundidade, chegando às interpretações dos motivos” (CARVALHAL, 1992, p. 51). Em outras palavras:

Quais as razões que levaram o autor do texto mais recente a reler textos anteriores? Se o autor decidiu reescrevê-los, copiá-los, enfim, relançá-los no seu tempo, que novo sentido lhes atribui com esse deslocamento? (CARVALHAL, 1992, p. 52)

Essa questão da motivação condiz com a perspectiva de Linda Hutcheon, que concebe a intertextualidade como “uma manifestação formal de um desejo de reduzir a distância entre o passado e o presente do leitor e também um desejo de reescrever o passado dentro de um novo contexto” (1991, p. 157). Ou seja, a intertextualidade expressa a memória, tendo em vista que materializa a conexão entre passado e presente. Inclusive, Tiphaine Samoyault (2008), que também se preocupou em delinear os pressupostos da intertextualidade, define essa prática como a memória da literatura. A intertextualidade é, nas palavras da autora, “o resultado técnico, objetivo, do trabalho constante, sutil e, às vezes, aleatório, da memória da escritura” (SAMOYAULT, 2008, p. 68). Nesse sentido, a literatura é transmissão, pois “acarreta a retomada, a adaptação de um mesmo assunto a um público diferente (SAMOYAULT, 2008, p. 75).

Consoante a esses conceitos, no conto de Carla Luma que analisamos, percebemos já no título “Aperfeiçoando o imperfeito” que há uma proposta dialógica com a música “Meio de Campo” de Gilberto Gil, a qual também foi interpretada por Elis Regina, artista que é também mencionada ao final do conto. A frase composta no título é um dos versos da canção.

Prezado amigo Afonsinho
eu continuo aqui mesmo
aperfeiçoando o imperfeito
dando um tempo, dando um jeito
desprezando a perfeição
que a perfeição é uma meta
defendida pelo goleiro
que joga na seleção
e eu não sou Pelé nem nada
se muito for, eu sou Tostão
fazer um gol nessa partida não é fácil, meu
irmão⁴ (grifo nosso)

As manifestações intertextuais mantidas entre o conto de Luma com a composição de Gilberto Gil – que, aos conformes de Barthes, também é texto – podem ser claramente compreendidas através de códigos explícitos e implícitos presentes em todo o conto. Como Barthes define, o texto deixa-se ser interpretado graças ao seu caráter simbólico. Assim, importa mencionar que “o texto não é coexistência de sentidos, mas passagem, travessia; não pode, pois, depender de uma interpretação, ainda que liberal, mas de uma explosão, de uma disseminação” (BARTHES, 2004, p. 70). Essa afirmação salienta a importância do papel do leitor: em outras palavras, pode-se dizer que não há texto sem o leitor e ele conversa com a pluralidade de sentidos que propõe o texto “Aperfeiçoando o imperfeito”.

Barthes também disserta acerca do pa-

⁴ Disponível em: <https://www.letras.com.br/gilberto-gil/meio-de-campo> Acesso em: 05 mai. 2021

pel do autor ao afirmar que “a obra é tomada num processo de filiação”, já o texto “lê-se sem a inscrição do Pai” (2004, p. 71) visto que “a restituição do intertexto vem abolir paradoxalmente a herança” (2004, p. 72). Ou seja, enquanto a obra pode ser entendida como um conjunto caracteristicamente marcado por traços do autor, o texto é caracteristicamente marcado pela intertextualidade, pelo diálogo com outros textos, como já referido anteriormente.

No miniconto em análise, notamos que a narradora do texto começa por dizer que foi ao Vaticano, mas que, não viu nada do que há de mais característico daquele lugar: o papa, anjos e a Capela Sistina. Em um primeiro momento, tal afirmação parece não ter ligação com o restante do texto. Por isso, é necessário partir para a interpretação do simbólico, uma vez que para Barthes “o texto é radicalmente simbólico: uma obra que se concebe, percebe e recebe a natureza integralmente simbólica é um texto” (2004, p. 69). Percebemos que, na verdade, quem narra não foi realmente ao Vaticano, mas sim a África do Sul, onde não viu Nelson Mandela, ou “Nelsinho”, como aparece no texto, um ícone do país mencionado. A ideia da presença simbólica das figuras que remetem ao Vaticano é aqui reafirmada. Compreendemos, portanto, a menção feita ao Vaticano: foi a um lugar e não viu lá aquilo que há de mais sagrado; foi a África do Sul e não viu a figura considerada uma das mais importante deste país. Contudo, viu Kaká, Robinho e outros jogadores de futebol, ou na voz que narra, “outros anjinhos cheios de poses e de pouca inspiração”.

É claro o diálogo que o texto faz com a temática do futebol, visto que essas primeiras referências remetem à Copa do Mundo FIFA de 2010, a qual foi sediada na África do Sul. Isso fica evidente ao interpretarmos as

palavras e objetos mais icônicos do evento: a “jabulani” e as “vuvuzelas”. Em sequência, a voz que narra menciona as “desculpas de Dunga e Jorginho”, retomando o fato de que o Brasil perdeu um jogo decisivo sendo desclassificado das finais da Copa de 2010. Podemos notar, portanto, que as referências futebolísticas que aparecem no miniconto focam no contexto brasileiro.

Ao lermos o trecho “não sou aquela que se desmancha em lágrimas e tristeza pela pátria de chuteiras”, certificamos que quem narra possui uma voz feminina. Também é notável nesse enunciado, um tom de crítica à pátria brasileira, o que se confirma na sequência do texto. Enquanto o povo brasileiro se preocupa com a situação esportiva do Brasil na Copa do Mundo (“pátria de chuteiras”), a pátria brasileira encara inúmeros problemas sociais, como a prostituição, que também está evidenciada no discurso da voz feminina que denuncia que, ao invés de chorar pelo futebol brasileiro, vendeu-se a um paulistano, fazendo uma boa grana ao “interpretar o papel de esposa”.

O caráter feminino inerente à voz de quem narra o texto demonstra, conforme Borges-Teixeira, que os contos de Carla Luma manifestam predominantemente “as inquietações femininas em busca por uma identidade própria” (2018, p. 70). Isso significa que seus textos buscam “romper com as funções atribuídas à mulher ao longo do tempo e revelando a sua necessidade em buscar autonomia e espaço dentro desse mundo até então descrito pelo homem” (BORGES-TEIXEIRA, 2018, p. 70). Compreende-se, portanto, que:

A narrativa de Luma instaura o efeito de sentido de contestação de valores, deslocando os sentidos cristalizados acerca da mulher não só dentro da ordem social e política discriminatória, mas, também, e, sobretudo, no

interior de uma ordem simbólica, em que a própria linguagem é um instrumento de opressão. Como foi insistentemente sublinhado por Roland Barthes, a língua encarrega-se de marcar a diferença sexual e social, mantendo, por um lado, separados os gêneros feminino e masculino, pelo outro “a servidão e o poder” (Barthes, 2004, p. 15) (BORGES-TEIXEIRA, 2018, p. 70).

Nesse sentido, há uma pluralidade de vozes em “Aperfeiçoando o Imperfeito” que evidencia a relação da linguagem com a questão do poder dentro do texto. A voz feminina, por exemplo, ao revelar uma sociedade distraída e eufórica com a esfera futebolística que omite e/ou ignora os problemas sociais vigentes denota como a linguagem é um dispositivo de poder. Ao mesmo tempo, a narradora reivindica seu espaço no texto com o fim de investigar, por meio de denúncias, juntamente com seus leitores, esse papel da linguagem na sociedade em que se insere. De acordo com esse itinerário, o conto estabelece relações com o contexto histórico ditatorial brasileiro das décadas de 60 e 70, resgatado pela memória de outrem, por meio da intertextualidade com ícones da época, tanto no âmbito do futebol, quanto no âmbito cultural: Afonsinho, Gilberto Gil e Elis Regina.

Literatura: lugar de memória

Como vimos, no miniconto de Luma, há um intertexto claro com a música “Meio de Campo”, de Gilberto Gil. A narradora destaca que essa música é uma homenagem a Afonsinho, ilustre jogador de futebol brasileiro, o qual foi também um grande defensor da liberdade. Podemos enquadrar essa canção de Gilberto Gil, assim como o miniconto de Carla Luma, como um “lugar de memória”, visto que as dimensões do ficcional, do real, do imaginário e do vivido, quando vinculam

a produção de memórias ao espaço artístico, funcionam, também, como dimensões mnemônicas.

Ao defender que o mundo moderno está presenciando a aceleração da história, que resulta no sentimento de um passado morto, Pierre Nora (1993) conceitua os “lugares de memória”, os quais surgem a partir do momento em que a memória se torna o resultado de uma organização voluntária, intencional e ao mesmo tempo seletiva. Nesse sentido, os lugares de memória não são espontâneos pois nascem a partir de sentimentos que buscam a necessidade de acumular vestígios. Esses lugares seriam criados, portanto, com o intuito de preservar memórias. Nas palavras do autor, “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos” (NORA, 1993, p. 6).

Nesse sentido, a literatura pode ser considerada também um lugar de memória. Assim como o texto literário, os lugares de memória seriam restos testemunhais que pretendem não somente acender o passado no presente, mas, principalmente, transformá-lo a cada momento. Esse é o papel da literatura enquanto lugar de memória: transformar o passado, ressignificar o presente, despertar memórias. Além disso, um lugar de memória só existe quando “a imaginação o investe de uma aura simbólica” (1993, p. 21). Ou seja, para uma obra literária, como qualquer outro espaço, ser um lugar de memória “é preciso ter vontade de memória” (NORA, 1993, p. 22). Essa “vontade de memória” é perceptível na voz que narra “Aperfeiçoando o imperfeito”, que, por meio de mecanismos intertextuais e simbólicos, faz surgir memórias plurais e fragmentadas do contexto brasileiro.

A memória a Afonsinho e Gilberto Gil, no final do primeiro parágrafo, foi desencadea-

da pelo momento e ambiente futebolístico em que a narradora se encontrava presente. Os erros de passes laterais cometidos pelos jogadores em campo – referidos como “cabeças de bagre” - despertam lembranças e saudosismo na narradora: “quando os cabeças de bagre do meio campo da amarelinha erravam passes laterais, eu sentia saudades da minha infância e me recordava vividamente de Afonsinho, aquele que mereceu uma canção de Gilberto Gil”. Com base em Henri Bergson (1999), compreendemos que tal memória foi despertada pela “percepção”, em um processo no qual a memória faz seleções, posto que a função principal do corpo humano não é armazenar lembranças, mas sim, fazer o trabalho de escolher e organizar as lembranças que são reavivadas pelos nossos sentidos e experiências.

Nessa mesma perspectiva, Maurice Halbwachs define que a lembrança reconstitui o passado a partir “de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada” (2015, p. 91). Ou seja, a lembrança é como uma imagem, que constantemente sofre mutações, resultando, conjuntamente, na transformação do indivíduo que rememora. Essas imagens-lembranças seriam frutos do que Halbwachs chama de “memória coletiva”. O autor evidencia a relação de memória e sociedade ao conceber que a memória individual é dependente da memória coletiva, visto que “para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade” (HALBWACHS, 2015, p. 72). A memória é, nesse sentido, construída por meio de um grupo de referência, mesmo que o ato de ativar e processar as lembranças

seja um trabalho do sujeito. Em “Aperfeiçoando o imperfeito”, por exemplo, o grupo de referência que despertou a memória da narradora foi a sociedade futebolística em campo, ao passo que ela teve uma lembrança individual acerca da sua infância.

Michael Pollak (1992) também disserta acerca da “memória coletiva”, complementando que a memória é constituída por acontecimentos, por pessoas ou personagens, e por lugares. Haveria os acontecimentos vivenciados pessoalmente pelo indivíduo como também, aqueles que não foram experiências particulares dele, mas de um grupo pelo qual pertence, instituindo, assim, a “memória herdada”: uma memória transmitida de geração para geração. Seguindo esse ponto de vista, entendemos que a memória que a narradora tem do jogador Afonsinho é, na verdade, uma memória herdada de seu pai: “Pra falar a verdade, eu não havia nascido no tempo que ele jogou, mas papai, torcedor do Botafogo, narrava apaixonadamente as atuações de Afonsinho e conhecíamos todos os episódios da sua carreira”. Mesmo que ela não tenha participado do acontecimento no espaço-tempo da ditadura militar – contexto em que fez parte a figura de Afonsinho -, ela contribui na construção mnemônica coletiva desse fato por meio de seu discurso no texto.

Ainda, podemos pensar os conceitos de Pollak no que diz respeito às memórias subterrâneas, ou seja, aquilo que se refere a uma memória dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, que se constroem a partir de uma transmissão oral de sua história “que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “Memória oficial”, no caso a memória nacional” (POLLAK, 1989, p. 4). A escrita de Luma, ao resgatar a memória da penumbra que pairava sobre a época da ditadura no Brasil, com o exemplo

do jogador Afonsinho e a questão do passe livre, traz à tona uma memória silenciada, uma memória não oficial, que ia contra os padrões vigentes da época. Luma aborda essa temática com um texto de frases fragmentárias, com *flashes* de memória, aproximando-se da linguagem oral, fato que para Pollak, tornava a história subterrânea acessível.

A narradora traz uma memória de Afonsinho enquanto figura verdadeiramente merecedora de prestígio, uma autêntica inspiração para os brasileiros. Isso contrasta com uma das frases iniciais em que diz “mas tive que me contentar com Kaká, Robinho e outros anjinhos cheios de poses e de pouca inspiração” e dialoga com a menção feita a Nelson Mandela. Afonsinho foi jogador de futebol em uma época em que havia muita exploração pelos empresários envolvidos com o meio futebolístico, onde exigia-se a “boa aparência” dos jogadores adequada ao poder hegemônico. Contudo, o ex-jogador demonstrou ser um exemplo de resistência, e, graças a ele, desde 2001, os jogadores profissionais não são mais explorados pelos seus clubes pela “lei do Passe”⁵.

5 “Afonsinho chegou ao Botafogo em 1966, após ser revelado pelo XV de Jaú. Desde que chegou, a postura forte pela liberdade individual incomodava. Os tempos eram de repressão em um país que vivia em plena ditadura. E o ambiente do Botafogo, cheio de militares no comando, foi ficando cada vez mais pesado. Até que o craque perdeu espaço. Ao se reapresentar em 1970, foi barrado pelo então técnico Zagallo. Insatisfeito com a situação, Afonsinho pediu para ser negociado. Só que, nos 1970, as coisas não eram tão fáceis. Na época, os vínculos esportivos de um atleta não estavam ligados ao contrato, mas eram perenes. Isso significa que um jogador, mesmo sem contrato, só poderia jogar em outro clube se a agremiação anterior permitisse. Era a Lei do Passe.” Reportagem: Bernardo Gentile e Vanderlei Lima. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/afonsinho-liga-jejum-apos-copa-de-1970-da-selecao-com-a-ditadura-comissoes-tecnicas-tinham-intervencao/> Acesso em: 05 mai. 2020

Outro revolucionário foi Nelson Mandela, que resistiu ao regime do *apartheid*, que determinava o poder a minoria branca que vivia na África do Sul. Ambos, Nelson Mandela e o brasileiro Afonsinho, são citados pela voz feminina que narra com o fim de afirmar um sentimento de resistência que ela sentiu individualmente naquele momento de Copa do Mundo, mas também, um sentimento que pode ser sentido na coletividade, por muitos brasileiros. Por meio dos intertextos do miniconto, a narradora coloca em pauta a importância em lembrarmos a nossa própria história e mantermos vivas as memórias de luta e resistência do nosso passado, ao mesmo tempo que dialoga com questões sociais do tempo presente.

Subjetividade plural

A questão da subjetividade se insere no miniconto de Luma pelo modo em que se pode pensar a escrita na pós-modernidade, visto que o foco dos autores diante dessa sociedade que se constrói e se apresenta como globalizada são, pois, artimanhas para a construção de novas identidades, em contextos multiculturais e híbridos. Ou seja, é justamente a especificidade da escrita pós-moderna que desvela uma nova compreensão da subjetividade que, por um lado, não pode mais ser vista a maneira moderna, absoluta e simplicista, e por outro, traz à tona múltiplos vieses e rejeita hierarquias como passado e presente, relevante e irrelevante. Segundo as perspectivas de Anthony Giddens (1991) e também de Stuart Hall (2015), enquanto há sujeitos tão voltados para si, há também aqueles que se deparam com uma subjetividade fragmentada, descentralizada e deslocada. Essa fragmentação do sujeito é uma consequência do processo de globalização do mundo contemporâneo.

Ana Cláudia Viegas afirma que “a criação de diferentes identidades, característica das páginas virtuais, extrapola seu suporte técnico, apontando um traço da subjetividade contemporânea: plural, ambígua, ficcionalizada” (2008, p. 71). Esse fato se materializa na escrita de Luma, a qual traz à tona reminiscências da ditadura militar, além de reflexões dialógicas acerca de âmbitos diversos, como o futebol e a música, fazendo com que esse texto possa adquirir sentido tanto para um ávido torcedor quanto para aquele que com saudosismo escuta as músicas das décadas de 1960 à 1980.

Essa subjetividade múltipla e descentralizada está claramente presente na personagem que narra através da fragmentação de ideias difundidas no texto em análise. Lembremos do momento em que a narradora conta que “interpretou o papel de esposa” para um “industrial paulista”. A personagem mostra como o seu ser subjetivo é “plural” ao nos mostrar que encena papéis, uma forma de mascarar o seu “eu” para poder sobreviver em sociedade. Como mencionado anteriormente, esse momento em contraste com o futebol e com a prostituição, pode ser entendido como uma crítica a atenção dos brasileiros que está voltada mais ao futebol do que aos problemas sociais. Esse é um exemplo dos reflexos da globalização.

De acordo com Boaventura de Souza Santos, a globalização é “um vasto e intenso campo de conflitos entre grupos sociais, Estados e interesses hegemônicos, por um lado, e grupos sociais, Estados e interesses subalternos, por outro” (2002, p. 85). Essa ideia é implicitamente transmitida pelo texto em análise por meio das referências que já foram aqui analisadas. Nelson Mandela e Afonsinho recordam essa luta de classes, entre o poder hegemônico e as minorias. A

própria voz que narra no texto usa essa figuras “icônicas” com o fim de questionar e refletir sobre essa era de incertezas na qual vivemos.

De acordo com Cornelius Castoriadis, “o sujeito é essencialmente aquele que faz perguntas e que se questiona” (1999, p. 35). Desse modo, a narradora está a indagar se realmente somos obrigados a interpretar papéis para que consigamos nos adequar às exigências do meio em que vivemos, ou se podemos lutar, resistir, mudar de cena, assim como fizeram Mandela e Afonsinho. Assim, a subjetividade pode ser entendida como “a capacidade de receber o sentido, de fazer algo com ele e de produzir sentido, dar sentido, fazer com que cada vez seja um sentido novo” (CASTORIADIS, 1999, p. 35).

É interessante a menção feita a herança do disco de vinil de Elis Regina, que canta a música de Gilberto Gil, ao final do miniconto. Nesse momento, ao citar a artista feminina, a narradora demonstra a vontade de significar e valorizar o papel das mulheres nesse processo de luta de classes, já que foram por muito tempo submetidas ao poder hegemônico e que, assim como Mandela e Afonsinho, sentem a necessidade de resistir com o fim de transformar o cenário contemporâneo. A literatura é um instrumento que faz existir os mais diversos mundos, e, portanto, “nada melhor do que o campo do literário para entender como as mulheres contemporâneas se relacionam com sua subjetividade e qual a influência disso na constituição de identidades” (BORGES-TEIXEIRA, 2014, p. 10).

O fato do conto de Luma congregar uma miríade de cenas, impressões, sentimentos e desejos revela um sujeito mulher, reificada e costurada que perdeu o corrimão da realidade e se sente impossibilitada de criar

uma representação única e centrada de si mesma, e, por isso, é detentora de uma subjetividade múltipla e esfacelada. Na pós-modernidade não há apenas uma subjetividade, que se constrói a partir de um único discurso. É preciso pensar em “subjetividades”, tanto sincrônicas quanto anacrônicas, construídas a partir de um hibridismo cultural e que, ao resgatarem memórias de outrem, compactuam com determinado sentimento de dada época.

Uma consideração final

Nossa leitura demonstrou que “Aperfeiçoando o imperfeito” é um texto em que a memória é constantemente resgatada por meio da intertextualidade, sendo esta uma característica dos escritos pós-modernos, os quais mantém relações com outros textos, tanto com os antigos quanto com os contemporâneos e até mesmo com textos que ainda serão escritos, seguindo uma lógica que pressupõe os apontamentos de Barthes (2004), Kristeva (2012) e Samoyault (2008), que denotam que um texto é feito de escrituras e vozes múltiplas, ou seja, é plural e não pode depender apenas de uma interpretação, mas de múltiplas subjetividades que trazem memórias ressignificadas.

Referências

BARTHES, R. **O rumor da língua**. 2. ed. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BERGSON, H. **Matéria e Memória**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BORGES-TEIXEIRA, N. C. R. Vestígios Românticos na Literatura de Autoria Feminina. **Terra Roxa e outras terras**, v. 27, p. 6-16, 2014. Disponível em: http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol27/TR27a.pdf Acesso em: 05 mai. 2021

BORGES-TEIXEIRA, N. C. R. *Literatura e*

ciberespaço: Blogue e escritas de si. **Prolíngua**, v. 13, n. 1, p. 63-74, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1983-9979.2018v13n1.42346> Acesso em: 05 mai. 2021

CARVALHAL, T. F. **Literatura Comparada**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.

CASTORIADIS, C. Para si e subjetividade. In: PEÑA-VEJA, A.; NASCIMENTO, E. P. (Org). **O pensar complexo**. Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Trad. Raul Fiker. São Paulo, UNESP, 1991.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. 2.ed. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2015.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KRISTEVA, J. **Introdução à Semanálise**. Trad. Lucia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2012.

NORA, P. Entre memória e história – a problemática dos lugares. **Projeto História**, n. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <https://revistas.u-csp.br/index.php/revph/article/view/12101> Acesso em: 05 mai. 2021

POLLAK, M. Memórias, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278> Acesso em: 05 mai. 2021

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941> Acesso em: 05 mai. 2021

PERRONE-MOISÉS, L. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SAMOYULT, T. **A intertextualidade**. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SANTOS, B. S. **A globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

tura, internet e “a invenção de si”. **Caderno de Letras da UFF**, n. 32, p. 61-72, 2008.

VIEGAS, A. C. *Escritas Contemporâneas: Litera-*

Recebido em: 01/04/2022
Aprovado em: 25/05/2022



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.